

Manoel da Conceição Santos: corpo-política- conhecimento, religião e resistência camponesa no Maranhão

Manoel da Conceição Santos: body-politics-knowledge,
religion and peasant resistance in Maranhão

Vanda Pantoja¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo evidenciar os aspectos religiosos presentes na trajetória da liderança camponesa Manoel da Conceição Santos. O ativista maranhense foi preso e torturado na década de 1960 pelo estado por conta de sua militância em prol de terra e direitos no interior do Maranhão. Sua trajetória evidencia aquilo que chamamos no rastro de Grosfoguel (2008) de *corpo-política-conhecimento*, na qual sua fala e suas ações partem de um lugar geográfico e sociológico localizado, e tem na experiência a matéria prima. O texto é fruto de releituras da autobiografia “Chão de minha utopia”, e da biografia “Manoel Conceição, sobrevivente do Brasil”. O resultado aponta para uma trajetória individual e coletiva que teve na relação com os homens e com Deus marcadores importantes, mas, sobretudo na autorreflexão sobre sua experiência vivida os elementos que o constituem como uma das figuras mais importantes na luta pela terra na América Latina, no Brasil e, em particular, no Nordeste Brasileiro.

Palavras-chave: Manoel da Conceição; Campesinato; Maranhão; Conflito; Resistência.

Abstract

This article aims to highlight the religious aspects present in the trajectory of peasant leadership Manoel da Conceição Santos. The Maranhão activist was arrested and tortured in the 1960s by the state because of his militancy for land and rights in the interior of Maranhão. His trajectory highlights what we call in the trail of Grosfoguel (2008) *body-politics-knowledge*, in which his speech and his actions start from a located geographic and sociological place, and he has raw material in his experience. The text is the result of reinterpretations of the autobiography “Chão de minha utopia”, and the biography “Manoel Conceição, survivor of Brazil”. The result points to an individual and collective trajectory

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora Associada I da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: vanpantoja@gmail.com

that had important markers in the relationship with men and with God, but, above all in the self-reflection on his lived experience, the elements that constitute him as one of the most important figures in the struggle for land in Latin America, in Brazil and, in particular, in the Brazilian Northeast.

Keywords: Manoel da Conceição; Peasantry; Maranhão; Conflict; Resistance

Introdução

Se uma frase pudesse definir a trajetória do líder camponês Manoel da Conceição Santos seria a de que *o discurso não dá conta da realidade*. A vida do ativista é gigante, suas experiências não cabem nesse texto, nem nas dezenas de artigos, Trabalhos de Conclusão de Cursos, entrevistas e biografias escritas sobre ele ao largo de seus 86 anos. Audre Lorde (2019, p. 137), a poeta e feminista de descendência caribenha, nos traduz a mesma ideia quando afirma que “a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica”. No ensaio - *As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande* - Lorde se refere ao lugar social subalternizado das mulheres negras estadunidenses, sua escrita explicita a capacidade de agência dessas mulheres, evidenciando suas rebeldias praticadas em contextos nem sempre favoráveis, em função das questões de intersecção entre raça gênero e sexualidade. Assim como Lorde, Manoel tem uma vida pautada na experiência de exclusão, como sujeito subalternizado por conta das questões de classe, de raça, e por que não de origem geográfica. Como a poeta, Manoel tem uma vida de luta e vitórias. Seus pés e pensamento estão fincados no chão da experiência e seu corpo, como instrumento de luta, são os elementos constituintes de sua vida.

Em um dos trechos de sua autobiografia, ao comentar sobre a dificuldade de adesão do camponês maranhense aos processos de formação teórica para a guerrilha, ele diz: “todo mundo estudando guerrilha e o gado comendo a roça” (SANTOS, 2010, p, 184). De maneira mais ampla Manoel e Lorde nos ensinam, a partir de suas observações, sobre a abissal distância entre as preocupações

teóricas - abstratas e as experiências da vida cotidiana. Ensinam-nos também que há um fosso entre o conhecimento considerado acadêmico, científico, eurocentrado e os saberes que partem da experiência do corpo e das demandas da vida em seu acontecer.

Além de forte, vivo e desgraçadamente atual, os relatos contidos na autobiografia denominada *Chão de Minha utopia*, publicada em 2010 pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais² e, em *Manoel Conceição: sobrevivente do Brasil*, escrita pelo historiador Adalberto Franklin e publicada pela editora Ética em 2014, nos mostram um sujeito que tem em sua experiência, tanto individual quanto coletiva, a chave para produção de saberes; e seu corpo, enquanto instrumento da experiência, como início e fim nos processos de saber/fazer/conhecer. Os conhecimentos sobre si, seus companheiros, sobre sua luta e sobre o mundo, fazem de Manoel uma das figuras mais importantes da luta pela terra na história recente do Brasil.

Nosso interesse neste ensaio é mostrar o caráter revolucionário, contestador e por que não dizer a decolonialidade presente nas práticas desse sujeito. Sua trajetória é de contestação das estruturas de dominação e de uma ordem que se quer hegemônica (a estrutura fundiária vigente), ao mesmo tempo em que se constitui em prática de enfrentamento aos agentes representantes dessa ordem (o Estado e os latifundiários); por outro lado, Manoel forja saberes que orientam sua vida individual e coletiva em repertórios que, para além do discurso abstrato e distante das teorias, têm na experiência o elemento central. Grosfoguel (2008) chama de *corpo-política do conhecimento* saberes que têm a marca geográfica e sociológica de quem os forja, e que têm no corpo um instrumento privilegiado de produção desses saberes e que estão, portanto, para além do eurocentrismo e do cientificismo característicos da ciência moderna.

² Organizada por Paula Elise Ferreira Soares e Wilke Buzatti Antunes, *Chão de minha Utopia* é uma espécie de continuidade de *Cette terre à nous (Essa terra é nossa)* livro publicado em Paris em 1979 baseado em depoimento dado por Manoel da Conceição Santos à socióloga Ana Maria Galano, quando ambos se encontravam exilados na Europa.

Desejo evidenciar também que as formas de ser e saber forjadas por Manoel foram construídas e permeadas, entre aspectos da vida material, a exemplo da luta pela terra, e aspectos simbólicos da vida, a exemplo de sua sempre presente religiosidade. Quando essas duas dimensões da vida se apresentam como incompatíveis, Manoel se centra na experiência prática como única forma de “resolver” uma situação nova e difícil em sua vida: o abandono da instituição religiosa. Talvez esse seja um dos momentos da vida de Manoel em que mais se evidencia o caráter centrado na experiência de suas ações e saberes como mecanismo de resolução de problemas da vida e, conseqüentemente, de produção de conhecimento.

O esforço em evidenciar a relação entre trajetória e produção de conhecimento a partir da experiência, localiza nossa escrita numa perspectiva decolonial, isto é, buscamos dialogar com formas de pensar e fazer saberes ancorados na experiência dos sujeitos e em suas localizações subalternizadas, geográfica e sociologicamente, saberes baseados em seus contextos de produção.

Manoel completou 86 anos no último 24 de julho de 2020. Sua trajetória sem dúvida tem importância pedagógica para a história dos movimentos sociais que lutam por terra e direito à vida não apenas no contexto Maranhense, mas para o campesinato brasileiro e latino americano. As práticas e ideias de Manoel da Conceição, ou Mané, como gosta de ser chamado, não se limitam ao seu local de nascimento, o povoado Pedra Grande no município de Coroatá, no Leste Maranhense, sua luta e voz ecoa não apenas pelos lugares por onde andou, mas por onde suas ideias sobre liberdade e direitos encontram ressonância. A prisão por motivos políticos, o exílio na Europa, a viagem à China, a participação em movimentos de oposição à ditadura militar assim como sua habilidade em oratória nos permitem pensá-lo como um sujeito para além das fronteiras do lugar.

Neste pequeno ensaio, além de pontuarmos a *experiência* como geradora de conhecimentos, desejamos enfatizar a importância da figura de Manoel como

instrumento que pode nos ensinar sobre liberdade e capacidade de luta entre sujeitos em situação de subalternização, além de demarcar a importância da dimensão religiosa na construção da figura do líder camponês. A trajetória de Manoel nos brinda com a possibilidade de pensarmos processos de produção de conhecimento para além do paradigma cartesiano, perspectivas nas quais as experiências sensoriais e as percepções corporais são consideradas fontes de conhecimento.

Desejo alertar o leitor que este texto se centra no conteúdo das duas biografias acima citadas, isso implica que é limitada, pois não dá conta das experiências de Manoel em sua totalidade, assim como omite importantes elementos fundantes de sua trajetória como a prisão, o exílio na Europa durante a ditadura, a viagem à China e encontro com Mao-Tsé-Tung, sua atuação frente à Ação Popular -movimento de origem cristã de oposição à ditadura militar-, o casamento, enfim, uma série de eventos que, em conjunto, permitiriam uma compreensão mais ampla do sujeito Manoel. Como mencionado antes, nosso interesse se limitou em perceber o componente religioso presente no processo de formação dessa liderança contido nas biografias analisadas. Esperamos ao longo do texto demonstrar que a trajetória do líder camponês nos indica esse caminho. Elegemos dois episódios da vida de Manoel para pensarmos essa questão: sua formação no campo político e sua relação com Deus via vida religiosa no catolicismo e no protestantismo. Antes vamos contextualizar um pouco do ambiente em que Manoel é forjado como sujeito e liderança camponesa.

O corpo político como conhecimento

O sobrenome Conceição não é herança da família, é em razão de promessa feita pela mãe de Manoel, dona Maria Leotéria Frazão, para nossa Senhora da Conceição em troca de um bom parto. A avó de Manoel já havia realizado o mesmo contrato com São Raimundo e Santo Antônio quando do nascimento de Raimundo dos Santos, seu avô, além disso, dona Leotéria fez promessa para

padre Cícero Romão de somente cortar o cabelo do filho na presença do santo em seu santuário no estado do Ceará, o que foi feito.

Manoel habitava um mundo encantado por santos, visagens, magia, medo e muita devoção aos santos, santas e a Deus. Era o universo do catolicismo popular no interior do Nordeste Brasileiro o seu lugar de socialização. Um catolicismo popular típico do interior do Brasil no qual a feitura de promessas com santos e santas, compunha o arsenal de possibilidades de que a população lançava mão na tentativa de resolução de problemas do céu e da terra. Os santos e santas eram, e ainda são, invocados para interceder na resolução de questões práticas da experiência cotidiana como partos, mordidas de cobras, falta de água, doenças, fome etc.

As condições de vida das populações do interior do Nordeste Brasileiro não mudaram muito dos anos de 1930, quando Manoel nasceu, 1934, para cá, 2020. O Censo de 2010 identifica o estado do Maranhão como o estado da federação mais rural, com taxa de população habitante no campo de 36,93%, com IDH³ de 0,687 e Coeficiente de Gini⁴ de 0,545. Esses dados colocam o Maranhão numa condição de muitas desigualdades sociais em relação aos outros estados da federação.

Os festejos do catolicismo popular no Nordeste reproduzem um modelo típico das festas de santos e santas do catolicismo popular da Amazônia Brasileira como um todo. São festejos com missas, novenas, esmolações, procissões, leilões e festas, muitas e animadas festas com bebida, comida e danças. Outro traço marcante dos festejos de santos e santas no interior do Brasil, é o fato de as mesmas desempenharem certa função social para as comunidades

³ Unidade de medida usada para verificar o grau de desenvolvimento de uma sociedade nos quesitos, saúde, educação e distribuição de renda. Em 2017 o Maranhão ocupava o 26º lugar no Brasil.

⁴ Medida usada para aferição do índice de desigualdade de distribuição de renda. Varia de 0 a 1, quanto mais próxima do 1, mais desigual é o coletivo em questão.

que habitam lugares com acesso limitado, seja pela distância física (grandes extensões), ou pela dificuldade de acesso.

Há um calendário de festejos ao longo do ano que, ao celebrar os padroeiros e padroeiras, propicia também momentos de socialização entre as pessoas que, por conta das distâncias e das lidas do dia-a-dia, passam temporadas sem se ver. Casamentos, separações e divórcios, negócios, namoros e desnamoros, compras, e outras infinitudes de relações são travadas tendo em vista o contexto das festas de santo, se estas são realizadas em núcleos urbanizados que ofereçam serviços de saúde, cartórios, e educação, as relações se multiplicam. Apesar da estrutura semelhante, os festejos guardam especificidades bastante localizadas, geralmente relacionadas à ecologia do lugar e a culinária, por exemplo (PANTOJA, 2008). Personagens locais, como *donos de santo*⁵ e os leigos que erguem igrejas e fazem pequenos serviços religiosos são bastante frequentes, ainda hoje, no interior do Brasil.

Em seus relatos, Manoel rememora como eram alegres e potentes os festejos de santos que ele participou ativamente em sua juventude, antes de converter-se ao protestantismo, aos 20 anos de idade. Comenta o quão agregador e solidário eram os grupos pentecostais dos quais passou a participar em meados dos anos de 1950, nos informa também que os processos de conversão podem se dar por razões as mais variadas, no caso dele estava relacionado às coisas do coração: “começou a gostar” de uma moça que era evangélica. Sociabilidade, ajuda mútua, capacidade de cuidar e articular pessoas foram pontos importantes apontados por Manoel como positivos em sua caminhada na Igreja evangélica.

O mito de origem que o forja como liderança camponesa remete às subjetividades que, mesmo em contextos subalternos, são capazes de reagir aos processos de dominação. Maria Lugones (2019), a filósofa Argentina chama tal processo de *subjetividades ativas*, Patrícia Hill Collins (2019), discutindo a partir

⁵ Pessoa local que por possuir imagem de um santo e fazer homenagens ao mesmo é reconhecida pelo termo dono de santo.

do feminismo negro, atribui a capacidade de reação de sujeitos subalternizados aos processos de *autodefinição*, James Scott, antropólogo norte americano, chama de *infrapolítica* e *política*, as dimensões na qual se dão os processos de *resistência*, ele trata dos *discursos ocultos* (SCOTT, 2000) e das *resistências cotidianas* (SCOTT, 2002) como formas próprias do resistir de pessoas em situação de subalternidade.

A vida de Manoel, de seus pais e de seus avós foi marcada por situações de subalternidades, opressões e falta de oportunidades. Manoel é filho de Antônio Raimundo dos Santos e dona Maria Leotéria Frazão, ambos camponeses, que por diversas vezes precisaram migrar compulsoriamente por conta dos conflitos por terra que sempre os vitimava. Os conflitos por terra afligiam a família de Manoel desde a geração de seu avô. Tais conflitos não cessaram de acontecer e culminou com o episódio em que Manoel, já adulto, foi alvejado por disparos da polícia, o que o levou a amputar uma das pernas.

Fui baleado no pé: peguei dois tiros de fuzil. O delegado me derrubou e puxou um revólver pra atirar no olho, na boca. Eu dou-lhe assim com a mão no braço, o revólver dele sai cantando no mundo e eu parto pra cima do homem. A polícia vem de novo e me tira de cima dele. Quatro soldados me pegaram e me arrastaram na piçarra. Fui arrastado até o carro que eles tinham deixado lá muito longe, para poder vir a pé, devagarzinho, por traz da barreira. Me botaram derramando sangue na traseira do carro e me levaram pra Pindaré-Mirim (SANTOS, 2010, p. 210).

A resistência cotidiana como mecanismo necessário para que mulheres e homens do campo permaneçam vivas e vivos é uma estratégia, ela é constituída de diversos modos, desde o *fazer o corpo mole*, a fofoca, o dizer sim querendo dizer não, a sabotagem, a procrastinação, entre outras centenas de ações que não necessitam de organização, de coletivos, mas que têm como fim diminuir a opressão (SCOTT, 2002). As *resistências cotidianas* assim como os *discursos ocultos* constituem as “armas dos fracos” de acordo com o autor. Não dos fracos no sentido dos que não têm força, mas daquelas e daqueles que por reconhecerem as estruturas de dominação, e estarem cientes de seu lugar social em um mundo marcado por desigualdades, sabem não poder experimentar outras formas de

resistir que não aquelas que não pareçam resistência, ações na qual o confronto direto não fique claro, seria desastroso para esses sujeitos o desafio público para com seus opressores.

Scott chama essa dimensão de *infrapolítico*, isto é, aquela dimensão em que os processos de resistência se dão por meio dos *discursos ocultos*. Os contextos da *infrapolítica* são fundamentais nos processos de produção de resistências públicas, a dimensão *política* teorizada pelo antropólogo, os processos no qual as resistências ganham visibilidade e são entendidas pelos sujeitos opressores como resistências de fato.

A trajetória de Manoel evidencia para nós tanto as *resistências cotidianas*, os *discursos ocultos*, a *infrapolítica*; quanto a dimensão pública da resistência, a *política*, na qual os enfrentamentos se dão na cena pública. Tanto as resistências veladas quanto às reveladas. O episódio da Chacina de Copaíba dos Mesquitas, em 1957, é entendido por nós como o momento que Manoel sai da cena oculta, da dimensão *infrapolítica*, para se tornar um líder público, que enfrentará seus opositores publicamente.

1957 Copaíba dos Mesquitas, pequeno povoado do município de Coroatá, no Maranhão. [...] uns vinte lavradores reuniram-se num rústico casebre de paredes de taipa [...] discutiam inquietos as pressões e ameaças que vinham recebendo dos grandes proprietários rurais [...] que pretendiam, a qualquer custo, ampliar suas terras expulsando as famílias camponesas daquele lugar (FRANKLIN, 2014, p. 17).

Em 1957 por ocasião da chacina de Copaíba dos Mesquitas, após se deparar com seus companheiros mortos por ataque de jagunços à serviços dos proprietários de terras locais, Manoel, de joelhos, faz o juramento que a partir daquele momento quer ser um Lampião, um Corisco, que lutará contra os latifundiários. Desde então Manoel passa a ser um sujeito “visado” pelos latifundiários locais, seus atos de resistência vazam da dimensão *infrapolítica* para a cena pública, a política. Sua condição de liderança camponesa está em processo de construção. A menção às personagens do banditismo social,

ambientados no contexto também camponês do Nordeste Brasileiro, mostra o quão subversivo e *situado* é o conhecimento de Manoel.

A formação política: entre fé e política

A formação política de Manoel está ligada às ações desenvolvidas pelo MEB- Movimento de Educação de Base⁶ - realizado no interior do Maranhão pela Igreja Católica no início da década de 1960. Como a instituição religiosa no Maranhão não dispunha de sistema de rádio, a formação nos interiores do Estado se deu de forma presencial. Manoel foi indicado por sua igreja para participar do curso de formação de lideranças, em agosto de 1962. É dessa formação que começam os entendimentos dos camponeses para a organização sindical que resultará na formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Autônomos de Pindaré Mirim e, posteriormente, em muitos outros sindicatos no interior do Maranhão.

No ano de 1968, em um ato de protesto contra o latifúndio, Manoel foi alvejado por policiais e preso, o ferimento, não tratado de forma adequada, comprometeu sua perna que precisou ser amputada, este fato o colocou em situação difícil: não aceitava a necessidade de amputação, e posteriormente teve que lidar com os limites impostos à nova vida em razão da retirada do membro. Deparou-se com mais opressão e assédio de representantes do governo José Sarney⁷, recém-empossado há época, que se aproveitando da situação de fragilidade do camponês lhe solicitou “colaboração no sentido político”, em troca, o governo lhe garantia trabalho e moradia na capital do estado para ele e sua família, e a doação de uma prótese de perna. No entendimento de Manoel, isso implicava abandonar seus companheiros e a luta pela terra, portanto, decidiu

⁶ O MEB tinha como objetivo de realizar atividades de educação popular através de programas radiofônicos.

⁷ José Sarney de Araújo Costa foi empossado governador do Maranhão em 1966.

não aceitar. Sua primeira prótese de perna foi adquirida com colaboração de seus companheiros e companheiras de luta.

No curso de formação política feito em 1968, na capital paulista, enquanto tratava de sua perna, Manoel aprendeu teoricamente que a burguesia nacional poderia ser aliada dos camponeses na luta pela terra no Brasil, no entanto, a experiência de anos de luta no interior do Maranhão lhe mostrava que pequenos e médios capitalistas não eram aliados dos camponeses, ao contrário, eram inimigos dos trabalhadores rurais. Ao refletir sobre esse ponto, o camponês nos ensina sobre o alcance e o limite das teorias. Nesse caso a teoria não podia ser maior que a experiência, Manoel reconhecia que as teorias que se apresentavam não refletiam sua realidade, portanto, não faziam sentido. No entanto, é com auxílio da teoria que ele começa a perceber traços feudais nas relações sociais do campesinato maranhense, aquelas relações que ele viveu desde sempre com seus companheiros, de opressão e falta de justiça podiam ser comparadas com outras realidades espaço-temporais de outros sujeitos. Ele começou a entender o sentido de classe e a reconhecer que outros homens e mulheres em outros tempos e lugares viveram/vivem situações semelhantes à sua. Manoel nunca negou a importância dos processos de aprendizagem formais e não formais, em suas biografias há um forte apelo à necessidade de diálogo com o diferente, com as pessoas, com o coletivo.

Em meados de 1960, após travar contatos com militantes socialistas na capital maranhense, Manoel e seus companheiros iniciam no interior do Maranhão estudos de táticas de guerrilha. Após algumas semanas de experiência, Manoel e muitos de seus companheiros compreendem que a guerrilha não lhes servia, não resolvia os problemas e necessidades do dia-a-dia. Em suas avaliações, a organização sindical melhor respondia às suas necessidades. O sindicato fazia sentido para os trabalhadores, pois agia sobre as experiências e necessidades concretas dos camponeses e das camponesas. Terra, semente, plantar, colher, conflito com fazendeiro, gado destruindo roça, era o

dia-a-dia deles. As teorias sobre guerrilha pareciam não contemplar as necessidades que eram urgentes. Além de que suas formações para guerrilha popular eram apenas teóricas.

As armas, porém, nunca chegavam. Os grupos de guerrilha tornaram-se impacientes, pois o aprendizado teórico não tinha qualquer consequência prática. A emergência da luta contra o gado, que a cada dia avançava contra as plantações, fez com que essa questão voltasse a ser de novo a preocupação primeira dos homens envolvidos com a pretensa guerrilha popular (FRANKLIN, 2014, p. 207).

De caráter teórico, a guerrilha pertencia a um grupo restrito de homens, era segredo, não se podia falar com outros companheiros sobre o assunto, isso era difícil em um contexto no qual os problemas e possibilidades da comunidade são partilhados cotidianamente. Além disso, problemas práticos permaneciam: os gados dos fazendeiros continuavam a destruir a roça, o mato crescia, e os dirigentes do sindicato sofriam pressão dos camponeses para reestruturar o sindicato⁸. Por outro lado, havia divergências profundas acerca de qual seria a melhor solução para os problemas da injustiça generalizada: pegar em armas e fazer guerrilha ou organizar sindicatos? Alguns companheiros do treinamento teórico de guerrilha não viam lógica em organizar sindicatos. Manoel, sujeito forjado no contexto das necessidades, acreditava que o sindicato era importante, mas participava do treinamento teórico de guerrilha.

Em 1966, em uma reunião com um “companheiro intelectual marxista”, conversavam sobre Deus e sobre fé. Instigado pelo amigo sobre uma possível incompatibilidade entre Deus e o marxismo Manoel não cede ao debate, e reafirma sua crença em Deus e sua fé. No entanto, relata que “aquilo ficou como um grilo na sua cabeça: existe Deus ou não existe?” Para responder à sua indagação Manoel não dispõe de reflexões abstratas, teóricas, ele se ancora no

⁸ Apesar de legalizados desde 1962, a sindicalização dos trabalhadores rurais do interior do Maranhão era duramente combatida pelas elites locais. Em 1963 foi fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais Autônomos de Pindaré Mirim como resultado das formações organizadas pelo MEB.

caminho conhecido de sua experiência. Lembra das pessoas com quem convivia e avalia a pertinência da relação entre religião e justiça social. Uma dessas pessoas era seu Clarindo Santos, comerciante rico e protestante da cidade de Santa Inês que, por dar volumosas quantias em dinheiro para a Igreja, aproveitava de sua influência com o pastor para inflamá-lo contra os camponeses que desejavam organizar o sindicato. A obediência era, na visão de seu Clarindo Santos, determinada por Deus, portanto, deviam-se respeitar as autoridades.

Ainda em sua dúvida íntima lembrou-se também do juiz da cidade de Pindaré-Mirim, o senhor José de Arimatéia, em uma ocasião em que teve que julgar uma causa envolvendo fazendeiros e camponeses o magistrado reconheceu a justiça da causa dos camponeses, mas resolveu não “entrar em choque com os criadores” de gado (SANTOS, 2010, p. 187). Existia ainda o farmacêutico local que, mesmo sendo protestante temente a Deus, num contexto de grande mortalidade infantil no local, se recusava a vender remédios fiado para os trabalhadores. O respeito às autoridades como princípio divino, não fazia mais sentido para Manoel “tudo que eu tinha de religiosidade na minha vida eu abandonei. E assimilei o marxismo como se fosse uma religião. Como se fosse uma reza que se reza todo dia” (SANTOS, 2010, p. 218).

A vida religiosa: as coisas do céu e as coisas da terra

Não se pode negar que a formação política de Manoel acontece concomitante à sua caminhada na Igreja. No entanto, apesar de estar congregando no interior de uma instituição religiosa de natureza evangélica seu processo de formação cidadã, sindical e de autoconhecimento como sujeito é fortemente influenciada pelas ações no interior da igreja católica por meio dos cursos do MEB.

Olhando o contexto temporal das experiências de Manoel, não havia possibilidade de ser diferente. O envolvimento dos evangélicos com movimentos sociais eram bastante remotos nas décadas de 1950 e 1960, período em que

Manoel está congregando. O despertar dos evangélicos para o universo político se deu em especial partir dos anos de 1980, mas, ainda assim, isso não significou um despertar para os processos de engajamento coletivos ancorados em luta por justiça social de forma ampla. Essa posição, de certa forma avessa às questões sociais, está relacionada ao princípio evangélico que acredita que este mundo é apenas uma passagem para os filhos de Deus, que o verdadeiro mundo está por vir. Porque então engajar-se em mudanças?

Daí o menosprezo e desinteresse para com as ideologias seculares, porquanto o seu governo não é deste mundo. Ademais, sua experiência concreta não é, no geral, de quem vê seus direitos garantidos, mas a de permanentes devedores (SOUZA; MAGALHÃES, 2002, p. 102).

O contexto de socialização religiosa de Manoel no interior da Assembleia de Deus é marcado por menosprezo com as questões sociais e por proibição de que seus membros, em especial aqueles com maior visibilidade no interior da igreja, sejam partidários de movimentos que contestem as estruturas de dominação local. Por muitas vezes Manoel foi aconselhado por seus pastores à abandonar “essas ideias” e seguir os mandamentos da bíblia

Irmão você tem que pensar muito nesse negócio de sindicato, isso cria problemas. A gente vive pra Deus, tudo aqui é passageiro. Dê a Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus. Apesar dessa vida daqui, a gente na vida do céu vai ter um galardão, benção aos que sofrem, porque deles será o Reino do Céu (SANTOS, 2010, p. 188-189).

Por algum tempo Manoel conciliou duas questões bastante distintas, até contraditórias, em especial para o contexto da época em que vivia: a militância ativista e a filiação religiosa evangélica. Antes que pensemos que a estada da igreja evangélica pudesse ter influenciado negativamente sua militância, percebemos que não, ao contrário. Como não havia frequentado a escola quando criança, foi na igreja evangélica que ele iniciou sua alfabetização que mais tarde, com os cursos de formação do MEB, seria aperfeiçoada. Foi na igreja evangélica também que ele despertou o gosto pela oratória, tornando-se excelente orador,

chegando, inclusive, a tomar conta da escola dominical na igreja em que congregava.

Frequentador de festejos de santos, filho de pais fazedores de promessas, adeptos de uma religiosidade popular bastante permeada por crenças em magias e superstições. Manoel converteu-se ao protestantismo em 1954, aos vinte anos de idade. Em novembro de 1966 foi expulso da Assembleia de Deus por conta de seu envolvimento com sindicatos.

O episódio aconteceu no contexto de uma convenção das Assembleias de Deus realizada na cidade de Santa Inês, estado do Maranhão em 1966. Na ocasião Manoel foi atacado pelos pastores e acusado de ser “desobediente” e “subversivo”.

Na época eu rompi apenas com a estrutura da Igreja, o que não significa ter rompido ideologicamente. Continuei crente, acreditando em Deus, acreditando mesmo sem nenhuma vacilação, embora não fosse aceito como um membro integrado na hierarquia da igreja. Continuei crente em particular (SANTOS, 2010, p. 192).

A vida na terra marcada por opressões e a necessidade cotidiana de resistir, se choca com a obediência e conformismo pregada pela direção da igreja evangélica e exigida de seus membros. Esses elementos afastam Manoel da religião, mas não da religiosidade, a saída da instituição Igreja não o afasta de sua fé nem de seus companheiros e companheiras “crentes”, inclusive, muitos deixam a igreja após sua saída. O episódio da expulsão da instituição ajuda Manoel a refletir sobre as diferenças entre o que ele chama de “hierarquia” e “base”.

Eu não posso confundir a Igreja Protestante ao nível de base, de massa, de crentes com o problema da hierarquia. São duas coisas completamente diferentes. O povo sente o problema lá mesmo: está na carne dele. No momento em que começa a encontrar uma outra prática no dia-a-dia, vai a ver a contradição que existe entre o que a hierarquia diz e sua forma de agir (SANTOS, 2010, p. 194).

As discordâncias de Manoel com a hierarquia da igreja sempre existiram por conta de sua atuação política, o “auto clero” da Assembleia de Deus local sempre reprovou as ações sindicais do líder camponês, pois esta punha em xeque a obediência às hierarquias, valor central para o protestantismo.

Os aprendizados de Manoel em sua militância e no interior dos coletivos de formação política que passou a frequentar a partir de 1968, revelam um universo de contradições entre as coisas do céu e as coisas da terra. A noção de vontade divina não resiste às perguntas que ele se faz, e que ele mesmo responde pautado em sua experiência cotidiana: desde a relação com a terra aos processos de concepção da vida, são tomados no processo de entendimento/explicação de que não há vontade divina, há ações humanas.

O nascimento de crianças era entendido por Manoel, até então, como vontade divina, após refletir sobre a relação entre homens e Deus, ele conclui que se houver conhecimento sobre o corpo e seu funcionamento é possível controlar o nascimento de pessoas, “então não é simplesmente uma coisa que Deus queria” (SANTOS, 2010, p. 193).

O cultivo do arroz, nada tem a ver com vontade de Deus, ele conclui que há outros elementos no cultivo desse grão que estão para além da vontade divina: a água, a terra, a luz, pensa ele, são também determinantes. “Não nasce ou morre só porque Deus quer” (SANTOS, 2010, p. 193).

Hoje não tenho fé assim no Deus que fez tudo, que determina tudo, não tenho. Hoje eu tenho outro tipo de fé. Luto hoje por uma nova sociedade, mesmo sabendo que os homens não pensam nessa nova sociedade, que os trabalhadores, os operários estão bêbados, envenenados com a ideologia da classe dominante. Acredito profundamente que esses homens são capazes de se transformar num novo homem, que pensa diferente. É por isso que penso nessa sociedade e isso pra mim é questão de fé (SANTOS, 2010, p, 193).

A relação entre religião e militância na trajetória de Manoel chamou-nos atenção por duas razões: a recorrência desse fenômeno nos movimentos sociais

da região; b) os sentidos que Manoel dá a essa relação em sua experiência particular quando analisadas por ele em sua biografia e autobiografia.

Algumas observações têm nos mostrado a relação muito estreita entre religião e militância política nessa região do Sul Maranhense, desde os movimentos organizados por terra e trabalho até os movimentos de mulheres, têm na relação com as religiões de matriz cristã um ponto importante que merece ser analisado em seu contexto local.

Nesse sentido, na trajetória militante de Manoel nos interessou visibilizar sua habilidade e sagacidade em produzir os conhecimentos que o possibilitou transitar, tanto do ponto de vista pessoal quanto do ponto de vista da pessoa pública que se tornou, ancorado em sua experiência, sendo essa experiência permeada por elementos do sagrado, que ele mobiliza para entender e se relacionar não apenas no interior do mundo da religião, mas para além dele: na sua própria experiência com o mundo dos homens, mesmo quando tais esferas se apresentaram contraditórias. E mais ainda, de como o sujeito entendido vulgarmente como simples camponês, se torna chave para compreendermos processos de resistências que podem se forjar e prosperar em contextos marcados por opressão. Para Manoel a religião mesmo em sua dimensão mais opressora, aquela que preza pela obediência e não questiona o *status quo*, pode ser reelaborada como experiência de libertação.

Considerações finais

Procuramos pontuar nesse ensaio a importância da dimensão religiosa no processo de formação da liderança camponesa Manoel da Conceição Santos. A prática religiosa sempre esteve misturada às concepções de justiça e direitos, mesmo quando os contextos internos às instituições religiosas que ele frequentava pareciam não corroborar com tais pensamentos. Manoel mobiliza um repertório de conhecimentos que dizem respeito à sua experiência e às necessidades que ele sentia de entender o mundo a sua volta para continuar

existindo, parte desse conhecimento foi forjado à luz de sua experiência religiosa, mesmo quando precisou negar algumas crenças, foi no interior de outras crenças que ele se inspirou. O contexto social de classe, raça, origem geográfica e crença religiosa sempre foram mobilizados como elementos para entendimento de si e do mundo.

O pressuposto dos estudos decolônias e da teoria feminista de que todo conhecimento se situa epistemologicamente do lado dominante ou do lado subalterno das relações de poder, parte da consideração de que nos processos de produção, e em especial no processo de validação de tal conhecimento, os sujeitos não escapam às hierarquias de classe, sexuais, de gênero, espirituais, linguísticas e raciais do “sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno” (GROSFOGUEL, 2008, p, 118).

Os conhecimentos produzidos por sujeitos como Manoel, seus saberes, fazeres e pensamentos não são entendidos como conhecimentos válidos, pois não atendem aos critérios de *validação*, para Patrícia Hill Collins (2019, p. 404) o empreendimento de validar conhecimento é controlado por homens brancos de elite e que “portanto os processos de validação do conhecimento refletem os interesses desse grupo” que, ao se autoprotetarem, excluem a maior parte das pessoas como sujeitos pensantes.

Ao pensar a partir da perspectiva do corpo-política conhecimento procuramos situar os conhecimentos epistemologicamente para além das perspectivas dominantes, a exemplo da ciência moderna e de seus pressupostos de universalidade, objetividade e neutralidade, assim como procuramos geograficamente demarcar o *locus da enunciação*, o que Grosfoguel (2008, p, 119) chamou de “lugar geopolítico e corpo-político de quem fala”.

Manoel é um sujeito local, como somos todos. Geograficamente está localizado numa região considerada periferia, tanto global como regionalmente. Negro, sem educação formal e camponês, esses marcadores de opressão quando interseccionados colaboram para processos de exclusão que podem tornar a vida

inviável. Os conhecimentos engendrados por sujeitos como Manoel, assim como suas vidas e necessidades têm sido historicamente desconsiderados, tal perspectiva tem colaborado para que processos de dominação sejam mais agudos em regiões entendidas como não desenvolvidas, a exemplo da região em questão e, conseqüentemente, que homens e mulheres que reproduzem suas vidas tendo a terra e demais recursos como elementos centrais, sejam vítimas do modelo dominante de organização econômica e social.

As lutas, decisões, derrotas e vitórias ao largo da experiência de Manoel carregam a cor e o sabor do contexto geográfico e sociológico vivido por ele. Geográfico porque remete a um lugar no globo e sociológico porque a posição desse lugar no mundo é marcada por mecanismo de hierarquização que, ao hierarquizar lugares, elabora, ao mesmo tempo, processos de classificação de pessoas, tais classificações são pautadas em elementos como classe, raça, origem geográfica, entre outros. Nesse sentido, a história de Mané poderia ser de qualquer camponês ou camponesa que resisti às estruturas de dominação, em uma sociedade de classe, colonial, patriarcal e racista. Ser local não limitou Manoel e nem suas ideias. Suas questões são grandes, pode-se dizer universais: liberdade, direito, terra, trabalho, são demandas de todos os homens e mulheres do campo e da cidade. Viver é direito de todos e Manoel sempre soube e lutou por isso. Seu aprendizado foi pela experiência, seu corpo é testemunho de sua luta.

Conheci Manoel em 2014, em Imperatriz-MA, em um evento na universidade. Cinco anos depois, em 2019, por conta de trabalhos acadêmicos, revi Manoel em sua residência, nessa ocasião ele já estava com a memória e fala bastante comprometidas, sua companheira Denise Santos é a responsável por resolver as questões do cotidiano para o casal. Nesse mesmo ano, o governo do Maranhão, através do governador Flávio Dino, lhe concedeu uma aposentaria vitalícia como reconhecimento por trabalhos prestados para o campesinato na região.

Em 2020 Manoel permanece vivo, ele celebrou 86 anos de vida no último 24 de julho entre amigos e admiradores em uma reunião virtual que concentrou mais de 70 pessoas. Apesar do corpo envelhecido e da memória comprometida, suas ideias estão mais vivas do que nunca. No atual contexto em que vivemos revisitar Manoel e se inspirar em seu conhecimento e luta é necessário.

A relação de Manoel com Deus, sempre teve as relações humanas como medida, talvez por isso, mesmo após romper com a Igreja sua fé não se abala e ele permanece a crer na possibilidade de relações justas socialmente construídas. Na atualidade Manoel não se afirma um homem religioso, mas um sujeito de muita fé. A fé em Deus cedeu lugar à fé nos homens e mulheres que lutam por justiça.

Referências

- COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLANDA, H. B. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- FRANKLIN, Adalberto. *Manoel da Conceição- sobrevivente do Brasil*. Imperatriz: MA: Ética, 2014.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLANDA, H. B. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- PANTOJA, Vanda. As festas de Santo no Marajó. In: LIMA, M. D.; PANTOJA, V. *Marajó: Cultura e Paisagem*. Belém: 2ª SR/IPHAN, 2008.
- GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 80, p. 115-147. Março 2008. Disponível em <https://journals.openedition.org/rccs/697>. Acesso em: agosto 2020.
- SANTOS, Manoel da Conceição. *Chão de minha utopia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SCOTT, James. *Los dominados y el arte de la resistencia*. México: Ediciones Era, 2000.
- _____. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, Campina Grande, v. 21, n. 01, p. 10-31, jan./jun. 2002. Disponível em:

<http://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/175/160>. Acesso em: 17 abr. 2018.

SOUZA, E. B.; MAGALHÃES M. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 43, p. 85-105. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100006. Acesso em: 10 ago. 2020.

Sites consultados

www.ibge.com.br

Recebido em 13-09-2020.
Aprovado em 08-11-2020.